

SENTIMENTOS DE TRISTEZA E MEDO DA MORTE: MEMÓRIA E MOVIMENTOS CRIATIVOS NO ENVELHECER

Fernando José Barbosa Rocha

“Suponho que já escrevi meus melhores livros. Isso me dá uma espécie de tranquila satisfação e serenidade. No entanto, não acho que tenha escrito tudo. De algum modo, sinto a juventude mais próxima de mim hoje do que quando era um homem jovem. Não considero mais a felicidade inatingível, como eu acreditava tempos atrás. Agora sei que pode acontecer a qualquer momento, mas nunca se deve procurá-la. Quanto ao fracasso e à fama, parecem-me totalmente irrelevantes e não me preocupam. Agora o que procuro é a paz, o prazer do pensamento e da amizade. E, ainda que pareça demasiado ambicioso, a sensação de amar e ser amado”. (Jorge Luis Borges- Ensaio Autobiográfico)

“Fool: If thou wert my fool, nuncle, I’d have thee beaten for being old before thy time.
Lear: How’s that?
Foll: Thou shoud’st not have been old till thou hadst been wise.”
(Shakespeare, Rei Lear, 1º ato, cena 5)¹

INTRODUÇÃO

Há algum tempo, participei como palestrante de um encontro com um grupo de intelectuais e profissionais de várias áreas que se reuniram para refletir sobre o tema “Um outro envelhecer é possível”². Naquela ocasião apresentei, em uma das mesas, algumas idéias sobre sentimentos de tristeza e saídas criativas no envelhecer, questões dotadas de uma extensa abrangência que ultrapassa o universo psicanalítico. Esta minha reflexão de hoje traz algumas das idéias apresentadas naquela ocasião.

Sentimentos de tristeza, decorrentes de mutações de ciclos próprios da vida, não são obrigatoriamente patológicos e, neste sentido, nem sempre estar triste é estar deprimido. Se o ficar triste pode ser um sentimento tão legítimo quanto o ficar alegre, pode ser simplesmente um registro de nossa sensibilidade que tanto pode gargalhar, como guardar silêncio.

Porém em nossa cultura, os esforços não se dão no sentido de se vivenciar e buscar compreender a tristeza, mas sim no de disfarçá-la, sufocá-la. Com frequência, a tristeza quer simplesmente ter o direito de existir, de assegurar o seu espaço nesta cultura que

¹ “Bobo: Se tu fosses meu Bobo, tio, eu teria mandado te darem uma surra por ficar velho antes do (teu) tempo.

Lear: Como *assim*?

Bobo: Não deverias ter ficado velho enquanto não ficasses sábio”. (tradução de Marlene Manso).

² Guapemirim – Nova Friburgo, RJ, Outubro, 2007.

exalta a superficialidade e desconfia de quem está mais quieto, ou silente. No entanto, na maioria das vezes, é a própria pessoa que não se permite não aparentar estar eufórico.

A psicanalista e poetisa Marialzira Perestrello, que já fez 90 anos, escreveu um poema intitulado “Luto”, que dedicou a um colega que estava triste com a perda de sua mulher e a quem algumas pessoas, não compreendendo a legitimidade e normalidade de seu sentimento, queriam que “reagisse”, que tivesse outras atitudes. Eis uma passagem do poema: *A tristeza é triste mas é companheira/Sentimentos outros podem trair/Fazer mal./A tristeza é triste/Mas é amiga fiel./Amigo, não mande a tristeza embora!*

Na atualidade, cresce a dificuldade em se compartilhar sentimentos de tristeza, mesmo com amigos e familiares. O renomado sociólogo Zigmund Bauman (1998) tem investigado de que forma nossas relações tornaram-se cada vez mais frouxas, gerando níveis de insegurança cada vez maiores, priorizando-se relacionamentos em “redes” “as quais podem ser tecidas ou desmanchadas com igual facilidade”, não se sabendo mais manter laços a longo prazo.

Existe também, no mundo atual, a tendência a patologizar e a psiquiatrizar os sentimentos de tristeza, enfraquecendo qualquer positividade neles existente, mesmo quando suas manifestações fazem parte de um pensar elaborativo, como, por exemplo, em um processo de luto. Tal atitude fortalece, por um lado, a tendência à medicalização, por vezes inadequada, na tentativa de eliminar sentimentos de tristeza que deveriam ser vividos. Imprime-se assim um ponto de vista de acordo com o qual a "alegria" deve estar presente, mesmo quando há ausência de felicidade: portanto, uma visão de alegria e felicidade que jamais comportaria a tristeza. No entanto, sabemos que a tristeza é um dos elementos do existir do homem - de sua condição ontológica - portanto daquilo que o faz existir em sua humanidade (todavia, penso ser pertinente o uso de antidepressivos, quando administrados criteriosamente, em certas patologias depressivas).

Associada a essa tendência, existe outra, de o homem não aceitar o envelhecimento, já que envelhecer evoca também a idéia de finitude, idéia que se apresenta de forma mais acentuada no envelhecimento. No entanto, o desejo de não envelhecer, que tem sido estudado em diferentes culturas, reflete um desejo atávico de o homem manter-se jovem ou imortal.

O ‘ser velho’, como nos lembra Elias (2001), surge da interiorização de uma identidade individual e coletiva, não se apresentando, pois, de uma forma homogênea.

Roetzler de Casella (2009, p. 8), na introdução do seu trabalho “O Idoso diante da morte” nos fala de uma “nova velhice” no Ocidente contemporâneo, retratada nas várias

mídias. Essa autora ressalta que falar do envelhecer é falar também da morte, e que o medo da morte se manifesta de distintas maneiras: Para alguns, apresenta-se como inquietação, um não saber o que fazer, por meio de sintomas físicos ou psíquicos, por vezes sob forma de depressão, para outros, manifesta-se pela angústia paralisante da vida retirando o bem estar do sujeito.

SOBRE O MEDO E A NEGAÇÃO DA MORTE

Na letra de sua música “não tenho medo da morte”, Gilberto Gil, aborda através de sua arte, a morte e o morrer nas suas diferentes temporalidades:

*Não tenho medo da morte
Mas sim medo de morrer
Qual seria a diferença
Você há de perguntar
É que a morte já é depois
Que eu deixar de respirar
Morrer ainda é aqui
Na vida, no sol, no ar
Ainda pode haver dor, hein?
Ou vontade de mijar
A morte já é depois
Já não haverá ninguém
Como eu aqui agora
Pensando sobre o além
Já não haverá o além
O além já será então
Não terei pé nem cabeça
Nem fígado, nem pulmão
Como poderei ter medo, hein?
Se não terei coração?
Não tenho medo da morte
Mas medo de morrer, sim
A morte é depois de mim
Mas quem vai morrer sou eu
Derradeiro ato meu*

*Eu terei de estar presente
Assim como um presidente
Dando posse ao sucessor
Terei que morrer vivendo, hein
Sabendo que já me vou
Aí nesse instante sim
Sofrerei quem sabe um choque
Um piripaque, ou um baque
Um calafrio ou um toque
Coisas naturais da vida
Como comer, caminhar
Morrer de morte matada
Morrer de morte morrida
Quem sabe eu sinta saudade, hein?
Como em qualquer despedida³.*

Freud (1915, p. 327), quando fala da atitude que adotamos em relação à morte, quando ele se refere à tendência inegável do homem para colocá-la de lado, para eliminá-la da vida, escreve: "Tentamos silenciá-la na realidade e dispomos até mesmo de um provérbio que diz '*pensar em alguma coisa como se fosse a morte*'" (em alemão, no sentido de *pensar em algo improvável ou incrível*). De fato, diz Freud, "é impossível imaginar nossa própria morte e, sempre que tentamos fazê-lo, podemos perceber que ainda estamos presentes como espectadores. Por isso, a psicanálise pôde aventurar-se a afirmar que no fundo ninguém crê em sua própria morte, (...) no inconsciente cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade".

Em conversa com o humorado pesquisador musical Sergio Cabral, este contou-me que o nosso grande compositor e intérprete Nelson Cavaquinho não escondia o seu grande medo da morte. Certa noite, Nelson havia acordado com o sonho-pesadelo de que iria morrer às três horas da madrugada; e então, não hesitou em atrasar bastante o seu relógio.

³ Gege Edições Musicais Ltda (Brasil e América do Sul).

Para Zeferino Rocha (2009, p.10), poetas, filósofos e cientistas, de modos diferentes, têm se interrogado sobre o sentido da morte, procurando desvendar o que encobre seu enigma:

Uns enfrentam-na com a indiferença dos epicuristas – por que nos preocuparmos com a morte? Enquanto existimos, ela não existe e quando ela existir, nós não mais existiremos. Outros opõem à indiferença dos epicuristas a resignação dos estóicos. Os místicos enfrentam-na com uma aceitação silenciosa e confiante porque nela descortinam o começo da verdadeira vida. Outros, olhando-a como uma possibilidade que, a qualquer momento, pode se fazer sempre presente na trajetória de nossa existência, afirmam que é na confrontação com a possibilidade da morte que a vida adquire sua dimensão de autenticidade. E, finalmente, não falta a atitude de revolta daqueles que vêem a morte como um absurdo, o qual faz da vida uma ‘paixão inútil’.

Rejuvenescimento e imortalidade: Narrativas míticas

O desejo de rejuvenescimento, de longevidade, ou até mesmo de imortalidade, é encontrado no homem sob as mais diversas formas. Tais sentimentos se expressam em diversas culturas, através de narrativas míticas, cujo tema principal é a busca de plantas dotadas de poderes que seriam capazes de suprir esse anseio humano.

Mircea Eliade, em trabalhos sobre história das crenças e religiões, alertou não somente para esse fenômeno, como para o valor que cada cultura atribuía ao poder das plantas. Comparando povos como os semitas e os indianos, Eliade, estabelece entre eles uma interessante diferenciação: ressalta que os semitas "tinham sede de imortalidade" enquanto os indianos eram ávidos por soluções que os levassem à "regeneração e ao rejuvenescimento". A busca de rejuvenescimento dos indianos, expressada nas dietas alquimistas e médicas, e o mito de Cyavana, podem servir, segundo Eliade, como modelo exemplar de tal ideal. Conta o mito indiano que Cyavana procura os açvins e lhes propõe que o rejuvenesçam, em troca do *soma*, a *ambrósia divina*. Aceita a proposta, os açvins conduzem Cyavana à "fonte de juventude" de Sarasvatu, oferecendo-lhe juventude e esplendor, tornando-o semelhante aos deuses (1970, p.355).

Assim, mais que a imortalidade, que se perde no tempo, o ideal indiano era o de gozar "longa juventude" e, em algum momento, poder se desprender do cosmos, ganhando "autonomia espiritual". Situação similar é encontrada entre os gregos, que também não almejavam a imortalidade, mas a juventude e a vida longa (Eliade, 1970).

Já o mito semita de Adão revela o pleno desejo pela imortalidade. Habitante do Paraíso, Adão convivia com a Árvore da Vida e a Árvore do Conhecimento do Bem e

do Mal. Contudo, estava proibido por Deus de provar dos frutos dessa última. Seria por meio dela que Adão iria adquirir o conhecimento sobre sua condição de mortal, passando a reconhecer e a identificar a Árvore da Vida, que tinha uma localização de difícil acesso ⁴. Encontrava-se "escondida", em posição e dificuldade que lembrava a Árvore da Imortalidade procurada por Gilgamesh.

Gilgamesh, o herói babilônico, diante do corpo morto do amigo Enkidu expressa o quanto aspirava à imortalidade. Lamentando a perda do amigo, Gilgamesh interroga se teria o mesmo destino: a de deitar-se para não mais levantar. Certo de que o mesmo lhe aconteceria, recorre a Ut-Napishtim, cuja imortalidade fora concedida pelos deuses, por ter sobrevivido a um dilúvio. O sábio, de forma impiedosa, lhe diz: “o caminho é longo, penoso, semeado de obstáculos, como todo caminho para o ‘Centro’, ‘Paraíso’, ou uma fonte de imortalidade”. Sem qualquer das qualidades dos deuses para tornar-se merecedor da vida eterna, Gilgamesh obtém de Ut-Napishtim, graças às súplicas de sua mulher, a chance de desvendar a existência, no fundo do oceano, de uma planta “cheia de espinhos” (ou seja, dificilmente acessível) que garantiria a juventude indefinidamente. Assim, segue Gilgamesh sua empreitada. Amarra pedras aos pés e desce ao fundo do mar. Lá chegando, encontra a planta e, ávido, arranca-lhe um ramo. Em seguida, liberta os pés e volta à superfície. De volta, a caminho de Uruk, pára junto a uma fonte para beber água. Nesse momento, atraída pelo cheiro da planta, uma serpente aproxima-se e a devora, tornando-se, ela mesma, imortal (Eliade, 1970).

Tal como Adão, Gilgamesh tem seus objetivos frustrados devido à astúcia da serpente. Em ambos os casos, a serpente apresenta-se como aquela que denuncia o anseio atávico do homem pela imortalidade. A propósito do mito de Adão e Eva, Eliade

⁴ Lemos no Gênesis 2-3: “O Senhor Deus tomou o homem e o colocou lá no jardim de Éden para o cultivar e guardar. O Senhor Deus deu ao homem uma ordem, dizendo: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não deves comer, porque no dia em que o fizeres serás condenado a morrer”. Mais adiante vemos algo sobre o pecado: “A serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito. Ela disse à mulher: “É verdade que Deus vos disse ‘não comais de nenhuma das árvores do jardim?’ E a mulher respondeu à serpente: “Do fruto das árvores do jardim, podemos comer. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus nos disse ‘não comais dele nem sequer o toqueis, do contrário morrereis’”. A serpente replicou à mulher: “De modo algum morrereis.” É que Deus sabe: no dia em que dele comerdes vossos olhos se abrirão e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal”. (...) Mais adiante está escrito no Gênesis: “E o Senhor Deus disse: “Eis que o homem se tornou como um de nós, capaz de conhecer o bem e o mal. Não vá agora estender a mão também à árvore da vida para comer dela e viver para sempre”. E o Senhor Deus o expulsou do jardim de Éden, para cultivar o solo donde fora tirado. Sendo expulso o homem, colocou diante do jardim de Éden os querubins com o cintilar da espada fulgurante, para guardar o caminho da árvore da vida”.

afirma que "a serpente é o obstáculo com o qual esbarra o homem, na sua busca da fonte da imortalidade, da árvore da vida".

REAÇÕES AO ENVELHECIMENTO

Reagir à condição de mortal é manter-se pleno de humanidade, posto que nenhum outro animal possui tal consciência. A consciência da condição humana é, portanto, também a consciência do envelhecimento e uma natural reação ao mesmo.

Perdendo laços importantes, tais como a relação com o trabalho ao aposentar-se, a relação com seus próximos que morrem ou se afastam, a relação com seus ideais requer do idoso remanejamentos. Dependendo de sua estrutura psíquica singular, aliada ao comportamento solidário ou não dos familiares e amigos, ele poderá reagir, seja deprimindo-se - afastando-se da vida -, seja realizando elaborações criativas. A maneira singular como ele irá reagir às ameaças em sua vivência de permanência e continuidade, provocadas pelas modificações corporais trazidas com a idade, vai depender de como o sujeito e sua imagem foram estruturados.

A imagem de si, enquanto visão ou concepção que o indivíduo tem de si mesmo, resulta de um processo que envolve as experiências, as impressões e os sentimentos que o indivíduo vivenciou ao longo de sua existência. Esse processo tem uma longa história. Ele tem origem na aquisição da primeira identidade do bebê humano "onde ao contemplar o rosto materno, vê a si próprio nele refletido". Lins (2004), nos lembra que foi após ler o texto de Lacan sobre o "Estágio do Espelho" que Winnicott, com toda originalidade, relacionou o espelho com o rosto materno. Não estamos falando aqui de percepção objetiva do ponto de vista da mãe nem tampouco do bebê. Acredita Winnicott que tudo que é percebido é, ao mesmo tempo concebido. Ou seja, o que percebemos é, em certa medida, por nós criados. Assim cada bebê traz um potencial inato singular que se atualiza nas relações com o meio ambiente (p. 2 e 3).

Assim, a maneira como cada um irá reagir ao envelhecimento não deixa de estar relacionada com as primeiras experiências de infância, que serviram de espelho estruturante e com o qual foram constituídos os alicerces da subjetividade.

Alguns idosos não aceitam o envelhecimento e, envergonhando-se de seus corpos, evitam o espelho que o olhar do outro, imaginariamente, lhes devolve. Assim, por não poderem elaborar as perdas com que se defrontam, correm o risco de também evitar a vida, saindo de cena, retirando-se da vida ainda em vida (Perez, 2004).

Se o luto é resposta a uma perda significativa, essa perda pode ser qualquer uma, mas é particular de cada um. Perez (2004) nos lembra que as perdas, inerentes ao viver, vão se acumulando e "fazendo consistência no percurso da vida". Perdas que acarretam estados de ânimo dolorosos, ressentimentos, inibição de funções e a concentração do interesse na memória do que foi perdido. Elas podem inviabilizar a eleição e o investimento em novos objetos, em novos ideais etc., e paralisar a vida. A saída desse estado é realizada com o processo de trabalho do luto.

Para Freud há uma diferença significativa entre luto e melancolia. Enquanto o luto se sustenta na "esperança", a melancolia é vivida no "desamparo". Zeferino Rocha (2005, p. 19) nos lembra que para Freud, no trabalho do luto, "o mundo se esvazia, porque quem chora a perda de alguém, concentra toda sua libido na lembrança do que está sendo pranteado". Segundo este autor, Freud teria resumido o essencial do trabalho do luto em duas palavras: *Lösung* e *Ablösung*.

A palavra *Lösung* significa solução, mas no contexto do luto, ela poderia ser traduzida pela expressão "soltar laços", "desfazer nós". Tudo isso em vista de uma *Ablösung*, ou seja, de uma "substituição", precisamente a substituição do objeto, cuja perda se chora no trabalho do luto. Esta (substituição) só será feita, quando todos os laços tiverem sido soltos e os fios estiverem novamente em condição de poderem ser usados para fazer novos laços e para dar novos nós.

Enquanto o trabalho do luto abre a possibilidade de novos e inesperados encontros, evocando assim a pulsão de vida, na melancolia predomina a pulsão de morte, uma vez que há uma identificação narcísica com o objeto ausente, perdendo o amor pela vida.

Pode-se dizer que o envelhecimento "positivo" é aquele no qual predomina um estado permanente de luto. Ao contrário de um envelhecimento negativo em que prevalece um estado de melancolia.

Perez (2004), põe ênfase na idéia de que a consciência da velhice advém por intermédio do outro. Ela lembra que Simone de Beauvoir, na obra *La Vieillesse* (1970, T II, p 14), entende a velhice como uma relação entre o que se é para o outro e a conscientização do si - mesmo que advém por intermédio do outro: "Em mim, é o outro que é idoso, quer dizer aquele que eu sou para os outros: e esse outro sou eu".

Já o poeta Mario Quintana, no poema "O Velho no Espelho" expressa, de maneira exemplar, a difícil realidade a ser integrada - a permanência do si mesmo apesar da desestabilização da imagem:

Por acaso, suprendo-me no espelho:

quem é esse que me olha e é tão mais velho do que eu?

Porém seu rosto... é cada vez menos estranho..

Meu Deus, meu Deus...

Parece meu velho pai - que já morreu!

Como pude ficarmos assim?

Nosso olhar - duro - interroga:

'O que fizeste de mim?!'

Eu, Pai?! Tu é que me invadiste, lentamente, ruga a ruga...

Assim, a tristeza provocada pela constatação das perdas que traz o envelhecimento pode tornar-se tanto um estado de fragilidade que demarca uma fronteira entre os que envelhecem e os *vivos*, como o vislumbrar de um novo horizonte.

Quando prevalece a noção de que o envelhecimento se opõe à vida, o homem tende a se isolar. Como ressalta Elias, o envelhecimento pode gerar uma situação na qual o homem se torne "menos sociável e seus sentimentos menos calorosos, sem que se extinga sua necessidade dos outros" (2001, p. 17). A dificuldade em aceitar que o velho continue necessitando de vínculos de sociabilidade e de manter-se próximo a tudo aquilo que lhe dava "sentido de vida e segurança" (op. cit., p. 8) faz do envelhecimento um estado de permanente tristeza.

Entretanto, quando o envelhecimento é visto como um novo ciclo, ele traz a percepção do nascer de um outro horizonte. Nesse estado, será exigido que a pessoa reconheça o que foi perdido ou transformado em si mesma, pois só assim será possível positivar o envelhecimento e mesmo a vivência de tonalidade depressiva que faz parte da elaboração. Portanto, a tristeza provocada pelo envelhecimento pode ser fruto da própria consciência do desenrolar de um processo de transformação e não um estado necessariamente patológico.

No entanto, a tristeza torna-se um fenômeno patológico quando a realidade do envelhecimento é negada ou, ainda mais, quando há recusa do envelhecimento. Este termo – recusa - é aqui usado em analogia com o conceito freudiano de recusa - *Verleugnung* - empregado por Freud no sentido específico de modo de defesa diante da

angústia de castração, que consiste numa recusa, pelo perverso, de reconhecer a realidade de uma percepção traumatizante, essencialmente a da ausência de pênis na mulher. Este mecanismo é evocado por Freud em particular para explicar o fetichismo.

Como bem nos lembra Ferraz (2005), a recusa do envelhecimento "na qualidade de recusa do tempo encarnado no próprio sujeito", tem seu correlato na "recusa do tempo encarnado no objeto", freqüente, sobretudo nos homens, em uma conduta de descarte de parceiros que envelhecem. Esse "horror ao envelhecimento" é um fenômeno mais do que arraigado na chamada "normalidade" cultural, "somente sendo considerado patológico quando chega a extremos, como no caso de Dorian Gray". Assim, nos diz Ferraz, os disfarces da idade, tão corriqueiros e normais, são parte de uma linha contínua que, ao adentrar o terreno da perversão, pode transformar-se em outras modalidades correlatas de substituição do autêntico pelo falso. É neste ponto que podem surgir, entre outras formações, o "fetiche pela prótese" (idealização do falso), como afirma Chasseguet-Smirgel, citada por Ferraz (2005, p 60).

Para Lanteri-Laura "há na perversão uma negação do tempo e da morte, expressa em uma fixação na pré-genitalidade. Para este autor "as perversões aproximam-se da morte, na medida em que desconhecem a temporalidade: como denegação de um encadeamento, preferência atribuída a um instante eternizado e recusada ao desenvolvimento no tempo, elas se situam no extremo oposto da vida, não apenas por serem biologicamente estéreis e não gerarem ninguém, mas principalmente por provirem da negação do tempo" (apud Ferraz, 2005, p. 60).

No entanto, as perdas vividas podem também conduzir o sujeito a efetivar um novo encontro consigo mesmo. É nesse reencontro que pode situar-se o trabalho das elaborações criativas, sendo a primeira delas o diálogo que cada um pode travar com sua própria história.

Também se revela de fundamental importância, para que se criem alternativas, a consciência de que as perdas trazidas pelo envelhecimento são de qualidade diferente daquelas que ocorrem em outros ciclos vitais.

Não se deve desconsiderar que até chegarmos à tomada de consciência provocada pelo envelhecimento já vivemos outros lutos, decorrentes de mutações próprias da vida. A passagem da infância para a adolescência, por exemplo, comporta perdas e mudanças que podem provocar vivências de tonalidade depressivas, uma vez que tal processo implica a perda, entre outros, da dependência materna, de um corpo definido por sua infantilidade. Essas perdas, no entanto nos lançam para um mundo novo, ainda que

desconhecido. Nele nos confrontamos com novas exigências que nos obrigam a reconhecer um outro corpo e nos lançam para um universo de novas responsabilidades e atividades. Iniciamos um outro ciclo da vida. A passagem da adolescência para a vida adulta também é caracterizada por uma revolução, por transformações biopsíquicas que, por vezes, provocam também vivências de tonalidade depressiva, já que compreendem perdas e o confronto com o novo: um novo corpo que, deixando para trás a indefinição, passa a ser exigido em força, vigor, destreza, habilidade e capacidade.

Nessas várias travessias (verdadeiros rituais de vida), encontramos, em geral, elementos de identificação que são parâmetros a acenar para a construção de projetos que acreditamos fazer parte do futuro.

MEMÓRIA E VIVIFICAÇÃO DO PASSADO

Em contrapartida, se o envelhecer for acompanhado da vivificação do passado, pode tornar-se fonte propulsora de renovação e redescoberta. Lembro-me de uma visita que realizei com um grupo de amigos à casa da poetisa e doceira Cora Coralina, em Goiás Velho, no ano de 1982. Mulher simples e carismática, tanto por sua arte de poetar, cozinhar e outras, como por sua autenticidade e generosidade. No fim da visita, cada um de nós, ao adquirir um livro da poetisa, desejava um autógrafo. A todos surpreendeu a maneira como ela procedeu: antes de autografar, Cora Coralina manteve uma conversa privada com cada um de nós. O que ela escreveu no meu livro, guardo com muito carinho, e até hoje reverbera como uma vivificação de minha memória familiar: "(...) *Fernando Rocha – A vida é boa e nós podemos fazê-la sempre melhor. E o melhor da vida é o trabalho. Você tem, além da força de sua mocidade, um potencial imenso de apoio – A Rocha do seu nome. Nas aberturas da vida, lembre-se dela*".

Poetando a vida, Cora Coralina, faz lembrar o sentimento de rejuvenescimento ou de eternização do homem, possível, nesse caso, por meio da arte – forma de ultrapassar o tempo – busca tão bem atestada pelos antigos mitos.

"Meu tempo passou...não! Meu tempo é esse" (Mário Lago)⁵.

Por não visar o futuro, no envelhecimento pode-se ter uma visão das experiências vividas somente como um passado perdido, um passado para sempre morto, como um velho álbum de fotos no qual, ao mirá-lo, só se reconhece a estaticidade, a paralisia, o mofo. Mas esse *passado* pode ser vivenciado de outra maneira: como uma memória em

⁵ Mario Lago, citado por João Máximo em artigo do Jornal "O Globo" – Segundo Caderno, Rio, 23 de março de 2006.

movimento. Movimento que permite uma vivificação do passado. Movimento que permite o passeio pelo tempo. Um tempo enriquecido, em que a perda do tempo é transformada num novo tempo. Um tempo enriquecido pela vivacidade das experiências que há muito deixaram de ser simplesmente coisas do passado, ou frustrantes projeções para o futuro, para manterem-se como histórias que compõem o presente. Um presente que, abandonando a perspectiva de projetos individuais, se agrega a projetos coletivos, capazes de provocar experiências de re-viver sonhos do passado, estimulando a sensação do rejuvenescer.

Uma memória que traz o tempo passado não como nostalgia, mas como transporte que possibilita a revivência, ou um viver de novo no tempo. Uma memória viva, que faz, de cada um, um contador de histórias. Histórias que não são prisioneiras do factual, mas do sentimento das vivências, portanto, fora do tempo cronológico. São fragmentos de histórias que, se mantendo vivas, constituem matéria-prima para a criação.

Portanto a criação-reação se faz com o que se é e o que se tem internamente. Como renovação do que aparentemente estava adormecido.

Zeferino Rocha (2005) em seu rico trabalho “Esperança não é esperar, é caminhar” nos mostra que para Heidegger o tempo seria o inter-relacionamento do passado e do futuro na dinâmica do presente. Neste caso, seria abolida a noção de tempo como sucessão linear de agora, em que o passado é definido como um “nunca mais”. O passado se alimentaria do vigor do presente, pois “o que fomos não deixa de estar presente naquilo que somos”. Heidegger designaria esta apresentação do passado no presente como “o vigor de ter sido”. No comentário de Zeferino Rocha (2005), nesse vigor reside uma força de *atualização*, expressão das forças ativas do passado – que, como tal, resistiriam ao novo – e as forças do presente, que se projetam no que *está por vir*. “Portanto, no instante do nosso presente, há uma luta entre o que se impõe como novidade às forças do nosso já constituído e uma abertura para o futuro, na qual se projeta o que se espera, o que está por-*vir* (*Zukunft*), mas que já está presente como projeto” (p 12).

Haveria, assim, uma “dialética da existência” na qual ao “não mais” – decorrente da morte das possibilidades – se contrapõe o “ainda não” – como *tempo da esperança*: “o ‘ainda não’ da esperança volta-se para o futuro, mas sem deixar de fincar suas raízes no presente, como *solo revigorado do ter sido*, tempo de nossas decisões e escolhas. E é isto que distingue a esperança de uma simples quimera” (Rocha, 2005, p.13).

É nessa dinâmica temporal, marcada pela “esperança” que o envelhecer pode ser vivenciado, como conjugação de habilidades exercidas no passado com a capacidade de manter atuais os sentimentos/experiências de amor, amizade, solidariedade, possibilitando o despertar e o sustentar do movimento criativo.

Como bem escreveu Drummond: *A cada dia que vivo, mais me convenço de que o desperdício da vida está no amor que não damos, nas forças que não usamos, na prudência egoísta que nada arrisca. E, esquivando-nos do sofrimento, perdemos também a felicidade.*

O envelhecimento talvez possa ser metaforicamente comparado ao que Cartola poetou em sua composição "O inverno do meu tempo", na qual diz que *os sonhos do passado no passado estão presentes no amor que não envelhece jamais*. De outra maneira, Paulinho da Viola, também reafirma essa noção de passado no presente, quando lembra: *Não sinto saudades porque não vivo no passado; o passado é que vive em mim*⁶.

Assim, revitalizado, o passado atualiza-se no presente. Num presente que necessita ganhar expressão em cada história de vida, em cada corpo: corpo-mão, corpo-pé, corpo-voz, corpo-mente, corpo-olho e corpo-memória. A possibilidade de criar a partir do que se tem confere vigor a cada vida, pois confirma o seu encantamento, o que nela há de desconhecido e mágico. Magia que possibilita "criar a criação".

Para vivenciar o envelhecimento como um novo horizonte, temos antes que admitir que nele a morte se apresente como fim, pois trazendo a morte para a vida podemos verdadeiramente amar a vida, como aponta Freud (1915) no seu texto "Nossa atitude para com a morte" (SE Vol. XIV).

Ou “viver a vida pela vida”, como disse Darcy Ribeiro numa entrevista: “Eu me exerci de várias formas. Se me exercesse só como político ou só como educador, teria mais profundidade no que faço, mas vivi a vida pelo gosto de viver, porque viver é gostoso. Exercer papéis diferentes permite que você enxergue melhor” (Goldfeld, 1997).

O que torna a vida difícil não é a realidade, mas a negação desta. Assim, a tristeza provocada pelo envelhecimento só se torna patológica quando negamos a crueza da vida. E nada melhor para evitar essa negação do que as experiências de criatividade. Como lembra o filósofo Heine, "Deus criou o mundo para não adoecer".

⁶ Citação de Zuenir Ventura no Jornal *O Globo*, Rio de Janeiro, 19.08, 2000.

A MÚSICA COMO ELABORAÇÃO CRIATIVA NO ENVELHECER

“É muito simples: eles e elas estão cantando. Eu sempre pensei, escrevi e disse: aquilo que um ser humano é capaz de fazer, todos podem fazer. Se Pelé é o maior jogador do mundo, eu também posso chutar: tenho pés e cabeça, ora! Não farei mil gols, como ele, mas darei meus passes, meus dribles” (Palavras de Augusto Boal no primeiro programa do espetáculo “Chuveiro Iluminado”, Rio, 1999)

Assim, qualquer experiência de criação pode conduzir a uma vivência de "júbilo" e reencontro com a vida. Pela especificidade da música, esta mereceu o elogio de alguns filósofos que, como Nietzsche, a privilegiaram. "Mas, é igualmente evidente que o sentimento jubiloso do ser, o prazer de existir, estão presentes em muitos, independentemente de qualquer interesse musical", dirá Nietzsche (citado por Rosset, 2000).

Neste sentido, a música, pelo que possibilita como elaboração criativa, como horizonte vital, envolve e facilita um renascer tanto para aquele que é o interprete como para aquele que é o espectador. Para este último há o deleite propiciado pela sonoridade, pelo ritmo, em que cada nota, som, palavra são evocadores de memórias que logo abandonam seu lugar de passado e ingressam no presente.

Um desses exemplos vem sendo a minha experiência no grupo “Cantores do Chuveiro”. Tudo começou com um grupo de amigos que se reunia para cantar ‘músicas de sempre’. Numa dessas reuniões, depois de uma cantoria que varou a madrugada, Augusto Boal que participava naquela noite, disse: “vocês deviam fazer um show pra valer”. As pessoas riram da “brincadeira”, mas uma delas levou à sério e disse “nós temos que fazer esse show”. Logo se pensou em quem iria participar e convidou-se um músico para fazer a direção musical. Boal sugeriu que o show se chamasse “Chuveiro Iluminado” em alusão engraçada aos que cantam no chuveiro. À medida que íamos nos encontrando, ensaiando com a ajuda do experiente diretor do Teatro do Oprimido, o show foi tomando corpo e, com êxito, foi lançado no porão do teatro Laura Alvin⁷.

⁷ Assim foi apresentado este show numa reportagem de capa do segundo caderno d’O Globo de 08 de março de 1999: “Eles não podem ser considerados exatamente oprimidos. Mas são as novas apostas de Augusto Boal. Em um primeiro momento, é verdade, a cena beira o surreal. Pois o diretor – criador do Teatro do Oprimido, responsável por espetáculos como o mitológico *Arena conta Zumbi* - comanda há dois meses um elenco *sui-generis* em que pontificam as vozes poderosas dos psicanalistas Fernando Rocha, Suzana Tonin e Cecília Boal, dos diplomatas Afonso Arinos de Mello Franco e Sylvia Waschner, da crítica Laura Sandroni e do jurista Octavio Mello Alvarenga. Pois esses gogós nobilíssimos estarão se apresentando ao público, a partir do dia 12, no porão da Casa de Cultura Laura Alvin, em Ipanema, em um espetáculo musical que não poderia ser melhor batizado: *Chuveiro Iluminado*. Os ensaios abertos a preços populares (R\$5,00) acontecem hoje, às 21h30 e amanhã às 20h30”. (Eduardo Graça).

Após o Teatro Laura Alvin fomos cantar em Paris, no Théâtre L'Épée de Bois", com sucesso. A música em cada um dos componentes do grupo, cuja faixa etária oscilava entre 50 e 75 anos, teve uma repercussão muito positiva..

O prazer de cantar, de dividir emoções durante e depois do espetáculo denotou a satisfação vivida por cada componente do Grupo. O que surpreende é o fato de se tratar de um espetáculo que iniciou sem nenhuma pretensão, mas logo passou a fazer sucesso de público. O show atraiu, inicialmente, as pessoas de “terceira idade” que, nos saudavam e abraçavam como se fizéssemos parte também da história delas. Posteriormente, cativou o público em geral.

Em seguida, sob a batuta do escritor e competente pesquisador musical Ricardo Cravo Albin, o grupo apresentou um espetáculo que teve como título “Cantores do Chuveiro – 100 anos de MPB”. Realizamos também, sob a direção de Eduardo Dussek outro show sobre as músicas tocadas e cantadas no cinema nacional, que se intitulou “Luz, Chuveiro, Ação!”. Nossa última apresentação, iniciada em outubro de 2007 e que também teve a direção de Ricardo Cravo Albin chamou-se “Quem canta faz a hora” (com músicas de protesto)⁸.

Nunca vou esquecer de um momento em que os “Cantores do Chuveiro” se apresentaram no Sesc de São João do Meriti: No final do espetáculo as pessoas cantavam conosco. Após os aplausos finais, uma senhora subiu ao palco e disse com humor e emoção: "amanhã as farmácias de São João de Meriti vão ter prejuízo. Este show é o nosso melhor remédio!”

O grupo, com algumas variações na sua composição é formado de cantores e cantoras que não fizeram do canto uma primeira opção profissional. No entanto, certamente, nenhum deles gostaria hoje de se ver fora da música. É como se essa atividade sempre tivesse feito parte da vida de cada um.

Na atualidade, o grupo movimentou-se para render homenagem a Augusto Boal e comemorar seus dez anos de existência com a reapresentação em inícios de 2010 do seu show inaugural “Chuveiro Iluminado”.

Também, como possibilidade de resgate do passado, tornando-o presença-presente cito o trabalho realizado na gravação do meu CD "Um brasileiro à Paris". Nele, cada música interpretada é o movimento com o qual torno minha vivência de dez anos em Paris presença, ainda presente e viva, a despeito do transcorrer do tempo

⁸ Deste espetáculo fizeram parte como cantores: Clara Redig, Fernando Rocha, Laura Sandroni, Octávio Brandão, Maria Helena Alvarenga e Paulo César Correa Lopes.

cronológico já vivido após meu retorno ao Brasil. Se neste trabalho musical tentei resgatar memórias dos dez anos que vivi em Paris, o trabalho com o CD "Palavra Nordestina", foi a maneira que encontrei para re-visitar a infância e adolescência pernambucanas.

Essas várias experiências são “viagens sonoras” que revitalizam o que se poderia chamar de "tempo perdido". Atualmente estou em processo de gravação de um novo CD, desta vez sobre a música de Dorival Caymmi.

Referindo-se à "essência da alegria musical", Clément Rosset (2000) escreve:

É evidente que em Nietzsche como em outros, a música é o momento do mais intenso júbilo vital, gozo comparável e superior a qualquer outro gozo físico e psíquico, notadamente sexual". "(...) A alegria de ser culmina na expressão musical, momento em que se encontra a suprema e última realização. Para outros, isso se passa de modo diferente, e não há, naturalmente, lugar para deduzir daí um júbilo menor.

Júbilo talvez comparável ao rejuvenescimento das águias, no antigo mito da cultura mediterrânea. Conta o mito que de tempos em tempos, a águia, como a fênix egípcia, se renova totalmente. Por voar cada vez mais alto, até chegar perto do sol, suas penas se incendiam e ela se lança qual flecha nas águas frias do lago. A experiência de fogo e de água propicia à velha águia rejuvenescer, voltando a adquirir novas penas, garras afiadas, olhos penetrantes e o vigor da juventude. Leonardo Boff associa esse mito ao salmo 103, que diz: "O Senhor faz com que minha juventude se renove como uma águia".

Mas podemos também associar o rejuvenescer da águia com o ato de entregar à morte o velho que em nós habita e que não nos engrandece: os hábitos e as atitudes que não nos dignificam, como a falta de solidariedade, o desinteresse pelo bem comum, a vontade de ter razão e vantagem em tudo, ou mesmo o desrespeito para com os seres vivos, além do homem. Somente quando entregamos esse velho à morte é que podemos renascer e rejuvenescer tal como a águia: recomeçar, podendo ouvir o novo, aprender com o velho e visitar o passado.

Assim, neste campo de luta, entre o “não mais” que será instalado pela morte e o “ainda não” que se abre como tempo da esperança, tal como escreveu Zeferino Rocha (2005), “o homem é um peregrino e seus pés não se cansam de criar novos caminhos, pois seu destino é caminhar e sua alma é uma “alma viajeira”. Por isso, o fim a que

chega em cada etapa de sua grande viagem, é de onde ele sempre está partindo para novas estradas e para novas aventuras”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Z.** O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1998.
- BOFF, L.** *O despertar da águia*. 9^a ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- ELIADE, M.** *Tratado das crenças e das religiões*. Lisboa: Cosmos. 1970.
- ELIAS, N.** *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001
- FERRAZ, C. F.** *Tempo e Ato na Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- FREUD, S. (1915)** "Reflexões para os tempos de guerra e morte" - II: Nossa atitude para com a morte. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio: Imago, 1969.
- GOLDFELD, Z.** *Encontros de vida*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record. 1997.
- LINS, M.I.A.** Ver-se e ser visto na terceira idade. In Dimensões do Envelhecer. Dulcinéia da Mata Monteiro (Org.) Rio, Revinter, 2004.
- PERES, M. R.S.** "O homem e as marcas do tempo" (Tese de Mestrado "Viver e conviver com a idade", Universidade de la Habana, Cuba, agosto de 1999). In: Dimensões do envelhecer. Dulcinéia da Mata Ribeiro Monteiro (Org). Rio: Revinter, 2004.
- QUINTANA, M.** Antologia poética. Porto Alegre: L & Pocket, 2003.
- ROETZLER DE CASELLA, A.S.** *O Idoso diante da Morte*. Trabalho de conclusão de Curso de Pos-graduação em geriatria clínica. Hospital Pró-cardíaco. Rio de Janeiro, 2009.
- ROCHA, Z.** Freud: Aproximações. Série Estudos Universitários. Editora Universitária –UFPE. Recife: 1993.
- ROCHA, Z.** “Esperança não é esperar, é caminhar”. Reflexões sobre a esperança e suas ressonâncias na teoria e clínica psicanalíticas. Conferência na Abertura do X Encontro Psicanalítico do Centro de Pesquisa em Psicanálise da Cidade do Recife, maio 2005.
- ROSSET, C.** *Alegria – A Força Maior*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

Endereço do Autor:

Av. Rui Barbosa, 624 /201
22250-020 – Flamengo, Rio de Janeiro, RJ
Tel. (55 21) 25537481; email: fernandoIrocha@uol.com.br

COMENTÁRIOS SOBRE O TRABALHO

Fernando,

Obrigado pelo seu artigo, que li com muito prazer e interesse. O assunto me interessa como contribuição não só a minhas experiências de vida, mas também a minhas leituras teóricas e ficcionais. Algumas idéias têm sido pensadas por mim de maneira diferente, sobretudo pelos autores que têm me servido para pensá-las. O exemplo mais importante é a tristeza, pois, talvez por minhas leituras de Espinosa, Nietzsche e Deleuze, não encontro muita positividade nela. Eu jamais diria: "Amigo, não mande a tristeza embora". E embora tenha gostado de sua posição contra a psiquiatrização, pois concordo profundamente com você a esse respeito, não vi muito em que essa reflexão sobre a tristeza ou a defesa de sua positividade ajudou sua exposição sobre o envelhecimento. Por outro lado, gostei muito das relações que você estabelece entre envelhecimento e morte, envelhecimento e perda, envelhecimento e vivificação do passado. E fui muito tocado pela maneira como você vai além de uma exposição simplesmente teórica para comunicar como a positividade que você tem encontrado na vida, ou nesta fase da vida, se deve muito a sua experiência com a música. No meu caso é a literatura que mais tem me servido. Por tudo isso, escrevo-lhe para agradecê-lo e parabenizá-lo. Espero que você continue escrevendo belos textos e discos.

Um abraço,

Roberto Machado

Roberto,

obrigado por sua leitura e pelos seus comentários.

Quanto à tristeza, a minha abordagem é outra, psicanalítica, que leva em conta a elaboração psíquica do luto, ou dos lutos. Tristeza que para a psicanálise é diferente da depressão. Daí a minha crítica à medicalização psiquiátrica quando medicaliza a tristeza, que vejo como positiva. Claro que, como disse Vinicius, "é melhor ser alegre que ser triste". A alegria é melhor sempre, quando verdadeira. Mas são, acho abordagens diferentes.

Foi muito importante para mim a atenção que você deu ao meu trabalho e lhe agradeço muito.

Um grande abraço do Fernando Rocha

Especial Fernando,

muito obrigada pela emoção prazerosa vivenciada ao ler o seu artigo, sensivelmente bem escrito, convidando (e diria mesmo, envolvendo) para uma reflexão sobre importantes aspectos da nossa vida.

Sabe, fiquei com vontade de encaminhá-lo para muitas pessoas queridas que, com toda certeza, também aproveitarão bastante a leitura. É uma satisfação, renovada, saber que ele estará disponível para aqueles que tiverem a felicidade de acessar a página da SBPRJ.

Com um forte abraço de agradecimento e de parabéns!

Magda Costa

Oi, Fernando!

Que texto lindo! Muito, muito lindo!

Posso encaminhá-lo a outras pessoas (respeitando a autoria)? Gostaria, principalmente, de mostrar a uma amiga, psicóloga, que se dedica - de corpo e alma - à questão do idoso.

Como você faz várias referências a diferentes autores, envio uma citação interessante de Shakespeare na peça *Rei Lear*. Ele (o rei) está todo lamuriendo devido a "problemas familiares" quando o Bobo, que de bobo não tem nada, lhe pergunta: *Por que você teve que ficar velho antes de ficar sábio?* Na verdade é uma constatação em forma de pergunta.

Acho que é esse o X da questão: envelhecer com sabedoria.

Você, pra mim, ainda é um menino, mas já está se adiantando, em sabedoria, antes de ficar velho.

Bjo

Marlene Manso

Parabéns Fernando,

foi um deleite e um enriquecimento ler o seu trabalho.

Trata-se de um assunto pelo qual me interessei no meio dos meus 50 anos quando meus pais adoeceram seriamente.

Estudei sobre envelhecimento desde então e, participei durante uns 5 anos do grupo de Maria Cristina e Miriam, venho lendo muito, seu trabalho, porém se destaca por seu talento em escrever com profundidade e poesia.

Quando você vai apresentá-lo?

Um grande abraço,

Marly Dias

Que rico trabalho Fernando,

viva a maturidade, o bom ânimo, a paciência com os encolhimentos. Bom de ler, a tua escrita escoia com suavidade e com leveza, um farolete.

Muuuuuito obrigada. Posso compartilhar com colegas?

Beijo

Jurema Valente

Fernando,

acabei de ler o seu trabalho e gostei imensamente. ele é erudito e não é pedante, tem muitas citações interessantes, fala no tom pessoal de alguém que está vivenciando aquilo mesmo que escreve. Muito bom. Vai ser publicado?

Abraços e obrigada!

Ruth Naidin

Querido Fernando,
É um trabalho que faz pensar e comove. É o fluxo da vida que faz você unir filosofia, sociologia, psicanálise, arte, inspirando-se em sua forma de viver a esta: pela música.
Uma maneira de ir se reinventando e sustentando-se como Cora Coralina em imagem forte expressa: recorrendo à rocha de sua nomeação.
Tudo muito "Iluminado".
À espera, com entusiasmo, interesse e carinho, de seu próximo CD.
O abraço afetuoso de
Malvine Zalcborg

Querido Fernando,
Gostei muito de seu trabalho sobre envelhecimento. Como eu disse, o tema me interessa há bastante tempo. Tenho vários contos sobre velhos. Aliás, gosto mais do termo "velho" do que "idoso". Gosto de pessoas e coisas velhas. Acho bonito.
No entanto, o envelhecimento é, como você diz, doloroso. E seu trabalho tem uma qualidade sutilíssima: começa nos apresentando o tema de forma leve, suave, simples, e aos poucos, vai se tornando sofisticado, mais elaborado, parecendo que você quer preparar o leitor, ajudando-o a se adaptar à velhice lentamente. O seu trabalho vai caminhando no próprio processo do envelhecimento.
A poesia do Mario Quintana (poeta genial!) é de uma beleza comovente. Faz chorar um choro doído, mas bom. O conceito de memória em movimento é um achado (une trouvaille, é assim que se escreve?). Maravilha!
Uma questão que levanto é sobre a atualidade da dificuldade em se compartilhar sentimentos de tristeza (conforme você diz na primeira página, último parágrafo). Será que é uma questão da atualidade? Não terá sido sempre assim? Afinal, há o desejo atávico (pág. 2) humano de manter-se jovem ou imortal. Portanto é atávica a dor diante do envelhecimento, portanto é atávica a tentativa (frustra) de negar a tristeza que advém da noção de finitude. Não seria então algo contemporâneo. A busca da fonte da juventude deve ter nascido mesmo quando o homem tomou consciência da morte e precisou acreditar em alma (Freud). Ou quando o bebê se dá conta da perda do seio (a grande fonte). O que você acha?
Tive um grande prazer de ler seu trabalho. Como sempre, em tudo que você faz, alcança originalidade e criatividade em um assunto tão velho quanto o homem, e tão misterioso ainda.
Um beijo e muito obrigada por compartilhar comigo suas reflexões e emoções.
Sônia Eva Tucherman

Salve Fernando,
me lembro de ter estado em sua palestra sobre o tema na sociedade psicanalítica da rua David Campista, há algum tempo. Mas o texto me deu uma

idéia mais completa e sedimentada, além de poder recorrer aos pontos fundamentais. Gostei do acréscimo sobre a carreira dos cantores do chuveiro e sua trajetória até o CD "Um brasileiro à Paris". Mas me pareceu faltar um comentário à passagem do Cd para o palco, que foi sem dúvida um passo adiante na concepção do disco. Enquanto neste o brasileiro tributa seu respeito e gratidão à música francesa que o nutriu durante dez anos, no palco conseguimos manter o mesmo sentimento e acrescentar o reencontro do personagem/intérprete com a música de sua terra, de que são exemplos "O mundo é um moinho" e "Baião de rua" - ambos, por sinal, dos números mais aplaudidos pelo público em todas as apresentações. O último nos forneceu ainda o elemento surpresa de um flagrante social contemporâneo e dramático, essencial para a dramaturgia empregada. O importante é que tudo funcionou a contento, numa transposição digna de ser lembrada. E de que me orgulho de ter participado.

Com aplausos antecipados por suas novas propostas, vale o abraço do amigo e admirador.

Luiz Carlos Saroldi

Caro Fernando,
aproveitei a tarde livre de ontem e fiz um comentário de seu artigo.
Abraço grande do Zeferino Rocha

O artigo de Fernando Rocha – *Sentimentos de tristeza e Medo da Morte: Memória e Movimentos criativos no envelhecer* – prende a atenção do leitor não só pela importância e atualidade da temática que aborda, mas também pelo modo conciso e claro em que foi escrito e apresentado. Numa linguagem simples inspirada pelo que sobre o assunto disseram músicos, poetas e estudiosos da mitologia, da filosofia e da psicanálise, o autor confronta-nos com os problemas da tristeza, do envelhecimento e da morte, vale dizer, com aqueles problemas que definem nossa condição existencial de seres humanos.

Para mim, a grande mensagem do artigo é que ele não enclausura o envelhecimento no tempo da memória, fazendo dele um tempo prisioneiro do passado, mas resignifica-o na dimensão do futuro, abrindo-lhe horizontes de criatividade. Isso foi feito graças à concepção heideggeriana do tempo, na qual o passado, em vez de se perder nas brumas de um *nunca mais*, é concebido como uma *Gewesenheit*, isto é, como o “vigor de ter sido”, que sustenta o tempo presente, fazendo dele um tempo presente-passado e um tempo passado-presente, no qual só, então, o homem, enquanto *Dasein*, pode orientar-se para o futuro com o objetivo de realizar seus projetos existenciais. Influenciado por essa concepção do tempo, o autor sustenta que “o envelhecer pode tornar-se fonte propulsora de renovação e redescoberta”.

Sem esta articulação do passado, presente e futuro, envelhecer seria apenas perder o vigor das forças físicas, ou, simplesmente, desgastar-se, como se desgasta tudo que apenas dura no tempo. Ora, viver é mais do que durar. Aquilo que simplesmente dura, necessariamente se desgasta na medida em que o tempo passa e o tempo passa inexoravelmente. Na experiência do viver, porém, a vivência do tempo é diferente, pois estamos sempre nos confrontando com o que há de vir, a partir daquilo que já veio e daquilo que ininterruptamente está acontecendo. Ou melhor, para dizer com o poeta: “Quem vive em viagem mora” e o que faz a beleza da viagem é que ela descortina, em cada curva da estrada, a surpresa de novos horizontes e de novas paisagens.

Outra passagem, que se destaca no artigo, é aquela em que o autor mostra como a nossa velhice será aquela que começamos a construir desde a infância; ou, para novamente dizê-lo com as palavras do filósofo-poeta Daniel Lima, cuja amizade muito me honra: “Cada um fabrica da matéria da paixão da vida de cada dia, o estilo e a substância de sua própria velhice. O que vale dizer que seremos o velho que, desde agora, já estamos sendo. Assim como o que fomos está sempre no que somos, o que somos está no que seremos, e o está desde agora”, construído no jogo dialético das identificações, das perdas e das conquistas, dos encontros e dos desencontros com os quais vamos escrevendo a história de nossas vidas.

Quem não consegue resignificar as perdas que os limites da idade necessariamente impõem, nem acredita no ilimitado que se encontra no mais profundo de nossos limites, terminará aceitando que, para quem envelhece, outra alternativa não há, senão aquela de consolar-se com as lembranças agradáveis do passado e, numa cadeira de balanço, esperar resignadamente o encontro com a morte, pois esta seria a única perspectiva de futuro que lhe restaria, o que vale dizer que, no processo do envelhecimento, aquele que não resignifica as perdas que a vida impõe, termina sendo colocado à margem da vida, como alguém que morreu antes da morte.

Fernando Rocha termina seu artigo partilhando conosco a sua rica experiência de músico para nos fazer compreender que a música tem um papel importante na elaboração criativa da memória e do envelhecimento. Eu seria inclinado a pensar que esse poder renovador, que a música tem para o envelhecimento, deve-se ao fato de que, ao mesmo tempo em que ela é “o momento do mais intenso júbilo vital, gozo comparável e superior a qualquer outro gozo físico e psíquico”, ela é também um convite ao silêncio no recanto de nossa interioridade, a um mergulho nesse tempo interior que é marcado

pela intensidade das experiências vividas, em que se fincam as raízes da criatividade.

Na perspectiva desse tempo interior, cada experiência vivida é integrada na unidade de nosso existir pessoal. Embora não seja possível fazer que o tempo volte nem que não tenham existido os caminhos que fomos abrindo nas estradas da vida, podemos, na perspectiva desse tempo interior, recolher os passos perdidos e com a lição da experiência abrir novos caminhos e encontrar novas saídas para os impasses de nossa existência, mesmo quando se faz a experiência do envelhecimento. Nessa perspectiva do tempo interior abre para o envelhecimento o horizonte promissor de um tempo que não é somente o tempo da memória, mas daquilo que se poderia também chamar o tempo do desejo.

Hoje tive um tempinho e visitei o site da Sociedade. Descobri seu trabalho sobre o envelhecimento, li e não posso deixar de dizer uma coisa que pode até ser uma injustiça, ou até uma bobagem: seu trabalho é lindo e talvez o melhor que já escreveu. Esta é a tolice, não?

Mas fiquei emocionada, me senti irmanada nos meus sentimentos por esta etapa de vida. Mas, de vida!

O trabalho é rico, têm fontes poéticas delicadas e inesperadas, músicas, referências teóricas preciosas, enfim, lindo, lindo!

Um chuveiro de criatividade e amor!

Obrigada, parabéns,
Celmy Quilelli Corrêa
